

VOZ DO ÍNDIO

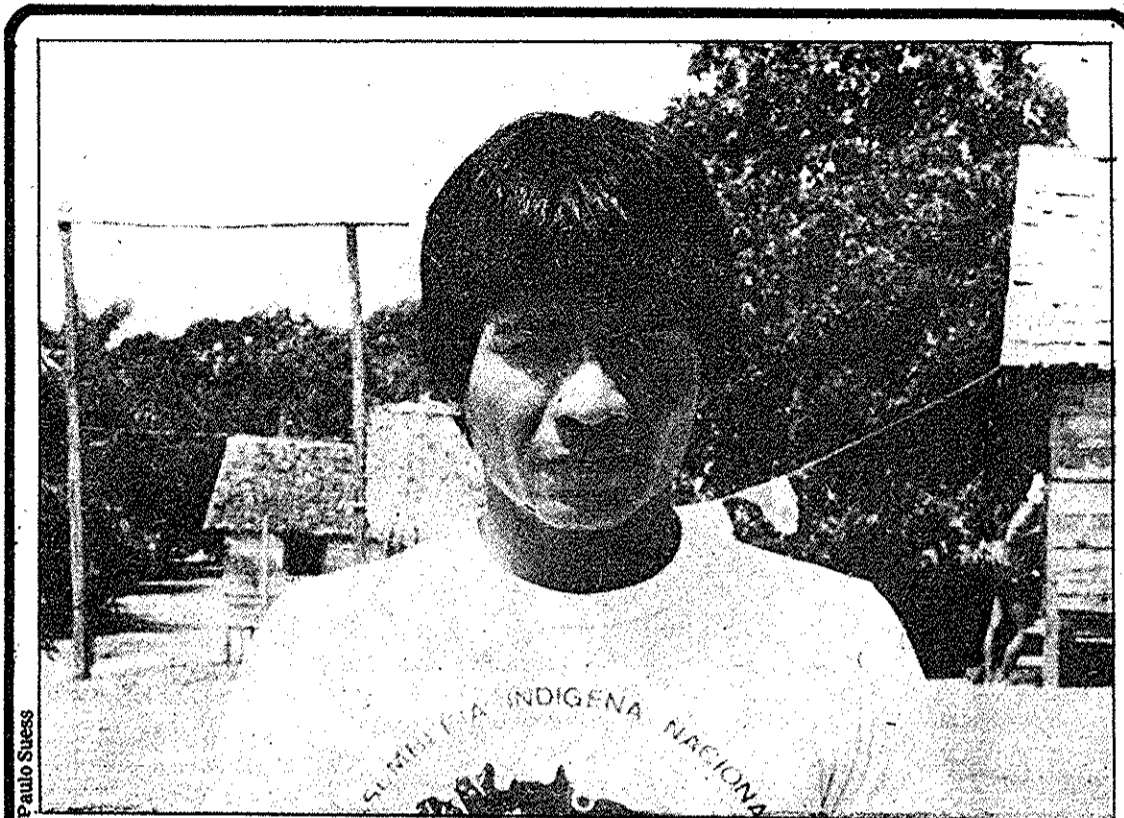
Karajá: "A Ilha é nossa!"

Meus irmãos Karajá. Nós estamos aqui entre duas aldeias, debatendo alguma coisa, alguns problemas para ser discutido e ser resolvido. Então, o seguinte: problema da Ilha do Bananal. Tá com grande problema, tá com grande crime, porque a Ilha do Bananal está judiada, prejudicada, porque tá chegando o começo do estrago da Ilha do Bananal, que é a estrada cortando o Parque Indígena do Araguaia.

Meus irmãos, eu quero a idéia de vocês, eu quero que nós queremos se juntar, se unir, pra poder nós ter mais força. Porque nós estamos muito fraco. O branco considera nós como criança, o branco pega nós e pisa em cima de nós. Nós não somos criança, nós somos homem também, igual eu. Então, gente, vamos agir neste ponto. Vamos sair de baixo, vamos amontar também nos branco. Vamos amontar nos invasores também. Então vamos brigar agora, caçando nosso direito, pegando tudo o que é nosso, dos branco. Porque o branco tá pegando nós, tá querendo cada vez mais acabar com nossa raça de índio. Ele tá querendo tomar de conta toda a nossa terra. Ele tá judiando nosso direito, todo o direito que nós temos no Brasil. Ele tá querendo acabar com todo o nosso direito. Então, gente, não vamos deixar fazer isso. Vamos agir, vamos brigar junto, se unir.

Vamos continuar nosso trabalho, nós debatendo, porque nós também igual o branco, nós temo cabeça, somos mais melhor de que o branco. O branco fala de nós que nós somos burro, nós não sabe nada, nós não conhece nada. O burr é o branco que não entende de nada! O branco que é rudo! Não conhece de nada! Muito branco dentro da aldeia nunca aprendeu falar em karajá. O índio que está crescendo, deste tamanho, já começa a falar português. E o branco que entra no meio (da aldeia), ou fica lá fora, nunca falou língua karajá, língua indígena...

A importância nossa é o primeiro encontro que nós temos fazendo aqui dentro da aldeia Posto Indígena Fontoura. E vamos continuar esse trabalho, porque esse trabalho é muito importante para todos nós aqui, que estamos reunido aqui nessa reunião. Então, o bonito é a gente trabalhar, a gente ter da gente mesmo. Então, vamos mostrar para a Funai, e vamos também brigar com a Funai - não de cacete, nem de flecha, nem de borduna, mas nós sempre vamos discutir com a Funai, que a Funai tem o direito (sic: NR: obrigação) de mostrar



Paulo Siless

Carlos Waxmauri, cacique da aldeia Erehawã

A história do povo Karajá está estreitamente ligada ao rio Araguaia, que divide o estado de Goiás dos estados do Mato Grosso, e do Pará. Ao longo do Araguaia, de um lado e outro, sempre viveram grupos maiores ou menores desse povo. Hoje, a maioria dos Karajá está concentrada em aldeias dentro da Ilha do Bananal, no Araguaia, que é a maior ilha fluvial do mundo.

Mas há pequenos grupos familiares de Karajá, dispersos em vários pontos do Araguaia, nos três estados banhados por esse rio. Como também existem duas aldeias bem estruturadas, no Mato Grosso: Itxala, na barra do rio Tapirapé com o Araguaia, no município de Santa Terezinha; e Erehawã, no município de Luciara.

Dia 21 de abril pp, houve, na aldeia de Fontoura, na Ilha, uma importante reunião, convocada e organizada pelos próprios Karajá. Estavam presentes quase todos os chefes de

família da aldeia de Erehawã, liderados por Carlos Waxmauri, e os chefes de família de Fontoura, cujo cacique é Ajurena. Nessa reunião, eles trataram de graves problemas, entre os quais: a invasão do Bananal por fazendeiros; o projeto de construção da rodovia Transaraguaia, que corta a Ilha de Leste a Oeste (ver PORANTIM nºs 47/48; e, nesta edição, a página ao lado); e a situação da aldeia de Boto Velho, dos Javaé, um subgrupo Karajá, que foi incluída na parte da Ilha que é Parque Nacional (florestal, do IBDF), e não é considerada integrante do Parque Indígena, estando ainda na rota da Transaraguaia.

Em toda a reunião, a língua falada foi o Karajá. Apenas dois discursos foram feitos em português, para registro. Um deles é a fala de Carlos Waxmauri, que PORANTIM reproduz, parcialmente, nesta página.

o trabalho do branco.

O índio deve aprender também o trabalho do branco. O índio nunca aprendeu, porque o branco nunca amostrou o serviço que o branco faz. O branco só quer pegar no dinheiro, e depois ele vai embora. O branco nunca indicou (NR: ensinou) o índio. Nunca deixou o índio (ser) mecânico, nem engenheiro, nem nada. Então, minha gente, vamos procurar! Também nós tem cabeça para usar. A Funai não dá, mas nós tem que agir pelo lado dele (NR: exigir) porque agora, hoje em dia, meus irmãos, os homens da Funai só quer tirar do nosso. E nós que fica na miséria. Então acontece que nós vamos abrir o olho, chega de pisar em nós, chega de estar em cima de nós. Então vamos mostrar que nós somos homem, nós somos índio legítimo da terra aqui.

Isso é uma coisa muito importante para nós, este encon-

tro agora em 21 de abril. Nós vamos programar, também, procurar a pessoa escolhida pela comunidade indígena, também um chefe Karajá da Ilha do Bananal. Isso nós estamos discutindo. Nunca foi discutido assunto nenhum (como esse) entre nós.

Porque até agora somos de menor. Além de ser de menor, o Governo quer fazer emancipação dos índios. Além de ser criança, ele (o Governo) tá fazendo um decreto, aprovando um documento, chamado Código Civil, mas muito mais pior que emancipar. Então, minha gente, vamos se preparar antes de acontecer isso com nós, porque, se alcançar nós, assim igual criança, vai ser muito mais pior para nós. Todos nós vamos entrar por causa do que é nosso - vamos entrar na peia, porque eles considera nós como criança, e ele vão querer bater em nós. E isso não é medo. Isso é uma coisa verdadeira.

Nós sabemos que nós se mantém, porque nós sabemos que nós tem jeito de se virar, porque nós aprendemos também a treita dos branco. E vai chegar, também, às vezes, como o branco rouba do outro, vai chegar na nossa vez também; nós vamos chegar a vez dele, e próprio nós mesmos vamos se roubar também. Mas isso eu não quero que aconteça entre nós. Eu quero que a coisa vai, a coisa segura para frente, não roubar uns dos outros. Também não deixar roubar seu direito, não vender seu direito para o branco, porque o branco tem vários meios de enganar o índio. O branco tem vários pensamentos para roubar o índio. Quer comprar o índio a troco de besteira, a troco de balinha, a troco de caixa de fósforo. Então isso nós não devemos fazer. Nós não devemos (nos) vender para o branco. Nós tem que ver aquelas pessoas que pensa, aqueles pessoa que sabe alguma coisa. Então aquele vai indicar (NR: ensinar) nós.

Como eu sei um pouquinho, vou indicar minha comunidade.

Minha gente, vamos se preparar também. Vamos se reunir, se unir, se juntar. Por exemplo, se eu não pensar unir com vocês, eu não ia chegar e dizer nada para vocês o que eu penso, o que eu entendo, como eu fiz, como eu briguel. E todo mundo fala em meu nome agora, quando me vê e está brigando. Então isso é muito importante nós brigar junto. E vamos tornar reunir junto. Alguma (outra) vez eu apareço aqui de novo para nós fazer outro debate, outro discussão.

Minha gente, vamos ver também, vamos pôr a mão na aldeia de Boto Velho. A aldeia de Boto Velho é uma aldeia muito velha, muito antigo. Ninguém sabe quantos anos Boto Velho tem. Agora, se a gente perguntar ao pessoal do IBDF com quanto (tempo) ele está lá dentro da (ilha), ele vai dizer a data e o ano e a era que ele entrou lá. E vamos procurar o velho Karajá quanto anos ele tem naquele lugar; ele não vai dar conta de dizer, porque ele não sabe. Aqueles antepassado tinha morado lá, muitos tempos. Chega vem na História aquele lugar. Lá é um lugar que os índios se queimaram, por causa de besteira (pouca coisa). Eles se acabaram por causa de besteira, não por causa de grande problema. Por causa de trisquinha assim, não por causa de trem enorme. Então ninguém sabe quantos anos aquele lugar tem. Então, meus irmãos, nós tem que pôr a mão também no Boto Velho. Porque ele é índio Karajá igual a nós, fala igual nós, então é a mesma parte da Ilha do Bananal. É o mesmo pedaço da Ilha do Bananal. Agora, como o branco diz que a terra é sua, é dele; é mentira. É mentiroso, ladrão! Isso não é verdade! A Ilha é nossa!

Então, todos nós temos que unir, pôr a mão e chegar e dizer: "Aqui é nosso. Por onde a gente quer é aqui". Isso nós devemos fazer com a nossa Ilha. Não deixar o branco dizer que é dele. Não é dele! A Ilha é nossa! Parque Indígena do Araguaia, Ilha do Bananal! Por que está assim? Então é nós quem manda na Ilha do Bananal. Então por isso, tem o João Karajá Javaé (Watadju, chefe do Boto Velho), e nós devemos dar a mão também a ele, brigar junto, discutir junto, porque a terra não é do Governo, a terra é nossa. A terra tá aprovada em nosso nome: "Parque Indígena do Araguaia". Não tá o nome de "Parque dos Fazendeiros"; tá o nome "Parque Indígena do Araguaia". Então, por isso, vamos dizer que é nosso, é nosso mesmo, não é do fazendeiro, não é do Governo. Então, minha gente, só quero dizer isso para vocês.

ILHA DO BANANAL

Javaé bloqueia a estrada

ANDRÉ AMARAL DE TORAL*

Com a aproximação da estação das chuvas, cresce a tensão na parte norte da Ilha do Bananal, junto à aldeia de Boto Velho, dos índios Javaé, por onde a Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco) está abrindo a rodovia Transaraguaia (GO-262), ligando a Belém-Brasília, em Goiás, ao nordeste do Mato Grosso. Os Javaé, insatisfeitos com o traçado da estrada e revoltados com a falta de assistência da Funai, levantaram uma cerca, no final de junho, impedindo a passagem das máquinas da construtora Alcino-Convap para o interior da Ilha.

A discutível estrada interessa principalmente aos grandes criadores de gado instalados nos municípios mato-grossenses de Santa Teresinha, Luciara e São Félix do Araguaia — alguns dos quais vêm diversificando suas atividades, com a implantação de usinas de álcool em algumas das dezenas de milhares de hectares que possuem. Esses empresários rurais estão preocupados com a chegada do "inverno", que tornará impossível a continuidade das obras da estrada. Para eles, a Transaraguaia tem de avançar rapidamente o mais possível Ilha adentro, para tornar-se uma realidade política e econômica irreversível, que não possa ser rediscutida e desativada num novo governo federal, a partir de 15 de março de 1985.

Além dos conservacionistas que já vêm denunciando insistentemente os danos ecológicos que a estrada vai acarretar à fauna, à flora e ao regime hidrográfico da Ilha, também os índios estão contra a Transaraguaia, que passa a menos de um quilômetro da aldeia de Boto Velho. A estrada é mais um problema para os Javaé dessa aldeia, que há cerca de seis anos vêm reivindicando, junto à Funai e ao IBDF, a retirada dos criadores que estão instalados na área do Parque Nacional do Araguaia e que, concretamente, cercaram Boto Velho. Esses criadores chegaram a construir um curral bem em cima do secular cemitério indígena!

Os Javaé de Boto Velho sofrem ainda com a desassistência da Funai, que não considera área indígena aquela aldeia, devido ao infeliz decreto 84.844, de 24/6/80, que subtraiu ao Parque Indígena, incorporando ao Parque do IBDF, as terras ocupadas, desde a década de 40, pelo grupo.

Existem, ademais, objeções de caráter técnico ao traçado da estrada. Construída em terreno baixo, necessitaria de aterros em praticamente toda a sua exten-

são. Estes aterros, em grande parte, teriam de ser reconstruídos todos os anos, após cada "inverno", o que inviabilizaria economicamente o projeto, com tão altos custos de implantação e manutenção.

35 KM AO NORTE

O cacique dos Javaé de Boto Velho, João Watajü, já deixou claro, várias vezes, que só concorda com a estrada se ela passar 35 km ao norte da aldeia, partindo do porto conhecido como São Domingos. Pessoas ligadas à Sudeco e à empreiteira já tentaram, várias vezes, convencê-lo a aceitar a estrada por Boto Velho, inclusive oferecendo subsídio ao velho líder e a sua filha Lucirene.

Apesar das divergências existentes entre os Javaé de Boto Velho e seus irmãos da aldeia de Canoanã (bem mais ao Sul, e dentro dos atuais limites do Parque Indígena), num ponto todos concordam: a estrada só pode passar se for pelo São Domingos. Assim pensam os Javaé Vitorino Kuriaru, Geraldo Tarabehi, Jurassi e Eliseu Axiwerá, de Canoanã, reforçando a posição das lideranças de Boto Velho.

TRES PROPOSTAS

No final do mês de julho, tentando contornar o impasse, a Funai promoveu reuniões em quase todas as aldeias do Parque do Araguaia. Em Boto Velho, a reunião foi dia 31, com a presença do diretor do Parque Indígena, o Karajá Daniel Koxini, a diretora da Divisão de Parques do IBDF, Raquel Milano, e duas antropólogas da Funai.

A tensão era muito grande em Boto Velho. Havia, na mesa das negociações, três propostas. A primeira, dos anfi-



André Toral

Menina Javaé, de Boto

Velho: vida e cultura ameaçadas

trões, tinha quatro pontos: 1) estrada, só no São Domingos; 2) demarcação da área de Boto Velho, que seria incorporada ao Parque Indígena, incluindo a Mata do Mamão (uma grande massa florestal e local de reprodução de diversas espécies, principalmente do pirarucu); 3) retirada dos criadores de gado instalados próximos à aldeia; 4) assistência pela Funai, com a instalação de um posto indígena.

A proposta oficial da Funai, apresentada pelo diretor do Parque Indígena, Daniel Koxini, previa também a inclusão de Boto Velho nos limites do Parque. Estes seriam dilatados, ao Norte, e incluiriam a Mata do Mamão. Mas a divisão entre o Parque Indígena e o Parque do IBDF não seria a linha seca proposta pelos Javaé — nem a estrada seria

deslocada mais para o norte, no São Domingos; os novos limites seriam simplesmente a própria GO-262, em seu traçado original.

A proposta de Koxini revela a intenção da Funai de não apenas aceitar a estrada, mas também viabilizar sua construção. "Amarra" a solução da demarcação das terras dos Javaé à construção da Transaraguaia. Ou seja, só com a estrada é que os problemas dos Javaé serão resolvidos. Ficou também claro que a liberação de ajuda para a aldeia de Boto Velho seria condicionada à aceitação da estrada. Vale lembrar que Koxini apresentou esta proposta após ter ido a Canoanã (a outra aldeia Javaé) e lá escutado que "estrada, só no São Domingos" — ou seja, a mesma proposta que ele ouviu de João Watajü e os demais Javaé de Boto Velho.

Por sua vez, a proposta do IBDF apenas sugere a possibilidade de se negociar uma área para os Javaé de Boto Velho, que seria desvinculada da tutela do órgão de desenvolvimento florestal. Mas o Instituto não abre mão da Mata do Mamão, que, devido a seu valor ecológico, é considerada "zona intangível".

A Mata do Mamão é o local de origem da maioria dos habitantes de Boto Velho, que de lá vieram para a margem do Javaés, nas décadas de 40 e 50, pressionados pelas doenças e pelos criadores de gado. Não é difícil solucionar esse problema: com o apoio do IBDF, os próprios índios poderiam fazer o controle da servando-a da devastação dos fazendeiros e garantindo seu patrimônio histórico-cultural. Além do valor ecológico, interessa preservar a Mata do Mamão por ser lá que se abri-

ga um grupo Avá-Canoeiro, ainda sem contato. Sua presença no local tem sido insistentemente assinalada, desde a época em que parte do grupo foi contatada, em 1973, na Mata Azul, e levada para o posto indígena Canonã.

IMPASSES

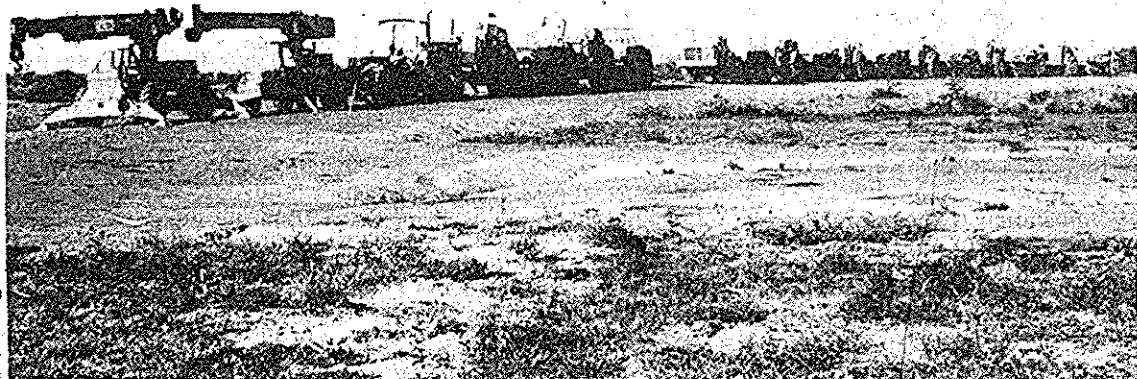
Como se vê, a reunião chegou rapidamente a diversos impasses. Sobre a demarcação das terras, Koxini conseguiu que sua proposta fosse ouvida, além de ter acenado com a assistência. Mas os Javaé estão esperando medidas mais concretas, antes de retirar a cerca e autorizar o reinício das obras. Eles tam-

bém têm boa memória e se lembram de que, em 1983 e 1984, diversas lideranças Karajá, junto com representantes da Funai, pediram-lhes, em reuniões, para que deixassem a área, que hoje ocupam, para o IBDF, para os criadores e mariscadores, e que não "atrapalhassem" a estrada e fossem viver em Canoanã... E o caso dos caciques Karajá Ijaú, da aldeia de Macaúba, e Ijoraro, de Santa Isabel.

O lamentável, em toda esta história da tentativa de defender a Ilha e seus legítimos habitantes, é que, além dos fazendeiros, da Sudeco, dos arrendatários do Parque, de pescadores clandestinos, empresas construtoras e demais beneficiários da abertura da estrada, também se encontra, entre os defensores da rodovia, o próprio representante

da Funai na área — no caso, o administrador do Parque. O resultado dessa política indigenista, que joga índio contra índio para a consecução de objetivos prejudiciais (como uma estrada que corta dois parques), é o esvaziamento momentâneo da possibilidade de autogestão javaé e karajá no Parque Indígena do Araguaia — objetivo já antigo desses povos.

Resta, agora, esperar a decisão dos Javaé de Boto Velho, já cansados de tanto esperar, mas sempre dispostos a sustentar sua luta pela manutenção da terra e pela assistência. A cerca levantada na estrada, em junho último, e a demolição, em 1982, dos postos do IBDF para controle de tráfego, mostram que a disposição de resistir é antiga e pode agüentar mais um pouco.



Dirceu Aguirre

A estrada passa praticamente dentro da aldeia de Boto Velho e acelera o processo de invasão da Ilha pelos criadores de gado

*André Amaral de Toral é antropólogo, com várias pesquisas feitas entre os Karajá e os Javaé, sobre os quais está preparando tese no Museu Nacional. É também editor do boletim semanal Aconteceu, do Cedi — Centro Ecológico de Documentação e Informação. (Colaboração de Marcus Mata).